

Campos Neto negocia ampliar autonomia do BC com Haddad



Roberto Campos Neto, 54

Presidente do Banco Central desde fevereiro de 2019, sendo o primeiro a comandar a autarquia sob o modelo autônomo. Tem mandato até 31 de dezembro de 2024. É bacharel e mestre em economia pela Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), e tem no currículo passagens por Santander, B3 e Bozano

Roberto Campos Neto BC está disposto a sentar com governo para debater PEC da autonomia ampla

Presidente do BC diz estar otimista com crescimento e fala sobre desafios da política monetária

ENTREVISTA

Adriana Fernandes

SÃO PAULO O presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, defende em entrevista à Folha a costura de um acordo com o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, para a aprovação da PEC (proposta de emenda à Constituição) que amplia a autonomia da instituição.

"A autonomia financeira é um passo no sentido de aprimorar o arcabouço de autonomia do BC", afirma.

O chefe da autoridade monetária começou a articular o tema no Congresso, o que causou reação entre os membros da gestão de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) ao ponto de o diálogo com Haddad ter sido interrompido.

Campos Neto e Haddad voltaram a se falar na sexta-feira (1º), justamente sobre a PEC. "Eu tentei dar conforto para ele, que o BC tem flexibilidade, que a gente pode discutir, que nada vai ser feito à revelia", diz Campos Neto.

O BC ganhou autonomia operacional há cerca de três anos, durante o governo Jair Bolsonaro (PL). Pela PEC, o BC passa a ser uma instituição de natureza especial com autonomia técnica, operacional e financeira, organizada sob a forma de empresa pública e com poder de polícia.

O presidente do BC recebeu a Folha no escritório da instituição em São Paulo, após a reunião com o ministro da Fa-

zenda. Campos Neto fala ainda sobre os desafios da política monetária e diz estar otimista com o crescimento.

O sr. disse recentemente que o BC está derretendo. O que quis dizer com isso? Derretendo foi uma expressão usada em relação aos quadros do banco. Ao mesmo tempo que tem gente saindo para ir para o mundo privado, teve o movimento tenso, perto da greve [dos servidores], de devolução de [cargos] de comissão. Gente pedindo para ser descomissionado e também para sair.

Esse é um problema do funcionalismo que vem de muito tempo. Outros órgãos públicos estão passando pela mesma situação.

No caso do BC, chegou a um nível de tensionamento de tal forma que começou a atrapalhar muito o funcionamento interno do banco.

Qual o risco para o funcionamento do banco? Estamos perto agora de ter um acordo. Mas essa é uma solução de curto prazo. Precisamos pensar olhando para frente: como vamos manter os quadros de excelência e as pessoas motivadas?

Temos muitos projetos para fazer. Precisamos avançar com o Drex [moeda virtual], o open finance, o projeto para poder usar a inteligência artificial de uma forma melhor.

O sr. e a diretoria apoiaram a PEC do Senado de autonomia

fiscal e orçamentária do BC? Qual a vantagem de ampliar a autonomia? Hoje, mais de 90% dos bancos centrais do mundo que têm autonomia operacional também contam com autonomia financeira. A autonomia financeira é um passo no sentido de aprimorar o arcabouço de autonomia do BC.

A PEC foi um trabalho que o BC apoiou. Vários diretores participaram do projeto. Tanto o BC como o Senado estão muito abertos para discutir com o governo.

Agente precisa entender se tem alguma coisa que incomoda [o governo] no âmbito da governança. Temos muito espaço de manobra para aceitar isso. A PEC é um início de debate, um esqueleto, que pode ser aprimorada, mudada.

Todos os diretores estão apoiando a PEC, inclusive os indicados por Lula? Estão. Todos os projetos que a gente faz passam em reunião de diretoria colegiada. Tudo foi feito em consenso.

O governo tem se mostrado contrário à PEC. Como avalia esse posicionamento? O primeiro desenho da PEC foi uma coisa pensada no BC. O Banco Central, o Senado, e o próprio senador [relator] Plínio Valério (PSDB-AM) estão dispostos a sentar com o governo.

A nossa ideia é ter um texto que o governo apoie, que o Senado entenda que é um texto bom, e que seja bom para o Banco Central.

O sr. e Haddad tiveram uma reunião depois de um período em que não se falaram. Como foi o encontro? Foi uma conversa muito boa. Expliquei para ele o que estava acontecendo no BC, no detalhe, e qual era a minha preocupação.

Eu tentei dar conforto para ele, que o BC tem flexibilidade, que a gente pode discutir, que nada vai ser feito à revelia. E que é importante o governo estar de acordo com a nossa proposta, que é um avanço institucional para o Brasil. Coloca o BC e o país em um nível superior.

No relatório do FMI, uma das recomendações é avançar na autonomia financeira.

O que o ministro Haddad disse para o sr? Ele vai mudar de ideia? Primeiro, ele nunca disse que era contra a PEC. Não lembro de ter visto isso.

Saíu o resultado do PIB brasileiro de 2023, com alta de 2,9%. O sr. tem dito que o PIB de 2024 pode surpreender. Por outro lado, o IBGE mostrou uma estagnação no segundo semestre do ano passado. Qual o cenário que o BC trabalha e o impacto na política de juros? Temos que olhar a tendência. A evidência que a gente tem até agora é que o primeiro trimestre deve ter um PIB maior, inclusive as casas [do mercado] têm revisado o crescimento de 2024 para cima.

O PIB que saiu, na verdade, é como se estivéssemos olhando o retrovisor. Mas o impor-

tante é olhar o que vai acontecer em 2024.

O que temos visto são revisões para cima do PIB. Lembrando que temos tido revisões para cima de 2024 já há algum tempo.

Começou muito baixo, perto de meio por cento, e já está mais para 1,2%, 1,5%. E tem casa com 2%.

O BC projeta uma alta de 1,7%. Vai mudar? Vamos olhar os números. Nossa missão é trazer a inflação para a meta com o mínimo possível de prejuízo para a economia. O caminho é bom.

Um PIB mais acelerado pode ter impacto na inflação. Isso preocupa? É óbvio que, se tem um crescimento muito grande, e começa a gerar um processo inflacionário, é uma preocupação. Mas o que observamos no ano de 2023? Diversas revisões de inflação para baixo e diversas revisões de PIB para cima.

O que a gente está vendo agora? Temos uma preocupação com a inflação de serviços e com o efeito de salários. Estamos vendo os salários subirem um pouquinho mais, e como é que isso impacta a inflação de serviços?

A gente tenta fazer uma desagregação olhando todos os setores.

Ao que tudo indica, o Fed [o Banco Central americano] vai demorar mais do que o originalmente esperado para começar a reduzir o juro. Até que ponto isso influencia o comportamento do BC? Teve um momento em que o mercado chegou a precificar uma probabilidade perto de 80% de o Fed começar os cortes em março.

Se tem dados fortes na economia, e a inflação está num processo de convergência, mas há dúvida em relação a essa última milha, você ganha graus de liberdade para esperar um pouco para ver se de fato a inflação está convergindo.

Os dados mostram que o Fed ganhou um pouco mais de tempo. O mercado passou a precificar, passou a entender que o corte não ia mais ser em março, e agora [está] entre maio e junho.

O BC tem afirmado que manterá chamada Selic terminal [fim do ciclo de queda] em território restritivo. Ou seja, o juro real acima do neutro [aquele que não acelera nem desacelera a inflação]. Qual a motivação para isso? Com os dados que tínhamos na última reunião do Copom, o que entendemos que era o correto em termos de política monetária era dar um guidance. Ou seja, uma previsão de que a gente iria cortar nas próximas duas reuniões, a menos que alguma coisa muito diferente acontecesse, que iríamos seguir o ritmo de corte de 50 basis [0,50%].

A expectativa de inflação está um pouco acima da meta, quando a gente olha os componentes de inflação, não tem certeza do processo de inflação amplo.

Por várias razões entendemos que as taxas de juros precisavam estar no campo restritivo. Isso é uma coisa que avaliaremos a cada momento no Copom.

OB tem mostrado preocupação com o mercado de trabalho. Quanto tempo essa preocupação está para se tornar um empicção para a queda de juros? O mercado de trabalho está mais apertado em vários países do mundo. Existem vários economistas tentando entender estruturalmente porque isso está acontecendo.

No pós-pandemia, o mercado de trabalho recuperou muito mais rápido do que se imaginava e está apertado em grande parte do mundo, nos Estados Unidos, no Brasil. Apertado significa que o desemprego está mais baixo do que o que se esperava.

“
Vamos olhar os números. Nossa missão é trazer a inflação para a meta com o mínimo possível de prejuízo para a economia. O caminho é bom

Outro dia mesmo o ministro Haddad falou que a gente precisa fazer um fiscal [reduzir o déficit] porque isso contribui com juros mais baixos. Acho que todos nós estamos na mesma missão

Estou tentando fazer o melhor para o país. Fazer o melhor para o país ajuda o governo

Adriano Visoni/Folhapress

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado **Caderno:** A **Página:** 13